

RICARDO FIGUEIREDO

« SÓ N'ELE »
CONFIO

Biografia espiritual de São de Alenquer



PREFÁCIO

E escrevo estas breves palavras com a convicção de que o trabalho que aqui apresento não necessita de prefácio. De facto, tudo ou grande parte do que possa dizer está patente na introdução que o próprio autor faz à obra.

Apesar disso, gosto de reafirmar que o livro *Só n'Ele confio* tem a característica de se apresentar, conforme explica o autor, como uma biografia espiritual de uma “menina-jovem” que, desde tenra idade, deixou lições dessa vida espiritual que hoje a muitos fascina, fazendo desenvolver uma verdadeira devoção por aquela a quem chamam a Sãozinha de Alenquer e que o autor preferiu designar apenas por São.

Escrito sobretudo para a juventude, este livro percorre a vida de uma menina, cuja longevidade não ultrapassou os dezassete anos, mas cujos exemplos multiplicam por muito essa idade. E, no entanto, o que lemos tem um tempo – a cronologia em que viveu. Importa, por isso, recuar ao princípio da terceira década do século xx, tendo presente o

panorama sociopolítico de então para entender muito do seu próprio processo de crescimento. Importa, igualmente, recordar o panorama religioso do país, trazendo à memória a expulsão das ordens religiosas e a perseguição ao clero na sequência da implantação da República, em 1910. Mas importa igualmente recordar que, à época do nascimento da Sãozinha, já se tinha dado alguma abertura ao regresso das ordens religiosas, nomeadamente daquelas que se dedicavam à educação. Fácil é compreender que, num território descristianizado, se fosse agora desenvolvendo uma evangelização de exigência, de sinais e de testemunhos. Isto mesmo aprendeu a menina que, antes de contactar, no colégio, com as Irmãs Doroteias, tivera uma forte influência de sua mãe, senhora de famílias tradicionais onde o “traço religioso” subsistira ao longo dos tempos mais difíceis. De sinal contrário fora a opção de seu pai que, influenciado pelas novas doutrinas com que contactou na Universidade de Coimbra, se colocou do lado oposto. Foi entre ambas as atitudes que Maria da Conceição viveu. Claramente influenciada, primeiro por sua mãe e depois pelas Irmãs Doroteias, desenvolveu em si, a par de uma piedade indiscutível, o desgosto profundo pelas opções de seu pai. Tudo fez para o “trazer ao bom caminho” e, tal como o autor descreve, por ele terá

oferecido a vida, vida que a morte ceifou quando ela contava apenas dezassete anos. Todavia, nunca será de mais recordá-lo, a informação que detemos sobre a oferta do seu sacrifício pela conversão do pai, apenas nos chega de modo indireto, através do testemunho de suas amigas. Por isso, embora possamos acreditar que assim tenha acontecido, é uma certeza que não podemos afirmar.

Apesar dessa limitação, certa é a integridade de vida de Maria da Conceição, numa busca de autenticidade manifesta nos múltiplos exemplos que o autor nos deixa e que, considerando sempre o tempo em que viveu e a mentalidade da época, podem certamente ser transpostos para os dias de hoje e ser exemplo, e até guia, para a juventude a quem este livro se destina.

Manuela Mendonça